vinetur

# Viticultores do Mosel preveem colheita de 610 000 hectolitros em 2026, 18% abaixo da média da década

Um setembro sem chuva limitou a pressão das doenças e permitiu obter uvas de elevada qualidade durante a vindima mais precoce de que há registo na região

terça-feira, 10 de novembro de 2026



Os viticultores da região alemã do Mosel preveem uma colheita menor em 2026, após uma época de crescimento quente e seca, embora os produtores tenham referido uma elevada qualidade das uvas e uma vindima invulgarmente tranquila. Na terça-feira, a

Moselwein e.V., associação vitivinícola regional, afirmou que as estimativas atuais para as zonas do Mosel, Saar e Ruwer apontam para uma produção de cerca de 610 000 hectolitros, abaixo dos 743 000 hectolitros de 2025 e cerca de 18% inferior à média dos últimos 10 anos.

A associação apresentou esta avaliação após a sua conferência de imprensa de outono, em Detzem. Segundo a organização, os viticultores descreveram a vindima de 2026 como bem gerida e, em alguns casos, até «tranquila», graças a um setembro sem chuva, que limitou a pressão das doenças e reduziu a necessidade de uma seleção intensiva das uvas nas vinhas.

O volume final só será conhecido na primavera, depois de todas as adegas e viticultores apresentarem as declarações oficiais de colheita. Para já, a estimativa situa a região abaixo da sua produção média recente, de cerca de 700 000 hectolitros. A colheita de 2024 foi bastante menor, com 450 000 hectolitros.

A Moselwein e.V. afirmou que 2026 registou também o início mais precoce de sempre da vindima na região. No final de agosto, os viticultores já colhiam uvas não só para o Federweisser, o vinho jovem parcialmente fermentado que é vendido no início da época, mas também para a produção de espumantes e vinhos tranquilos. A maior parte da colheita já tinha sido recolhida no início de outubro.

A colheita menor deveu-se sobretudo à falta de precipitação e às temperaturas elevadas na primavera e no verão de 2026. As vinhas mais jovens foram as mais afetadas e algumas tiveram de ser regadas. As vinhas mais velhas resistiram melhor às condições de seca e, segundo a associação, produziram sobretudo bagos pequenos, mas muito aromáticos. O mesmo tempo seco trouxe também um benefício claro: limitou as doenças fúngicas, ajudando a preservar a sanidade das uvas e a reduzir a mão de obra necessária durante a vindima.

A casta dominante na região continua a ser a Riesling, que representa 62% das plantações na zona do Mosel. A associação de viticultores do Mosel estima que, em 2026, o rendimento médio da Riesling tenha sido de cerca de 75 hectolitros por hectare. Para as castas Pinot, a estimativa foi de 60 a 70 hectolitros por hectare, enquanto a média da Mueller-Thurgau foi de cerca de 90 hectolitros por hectare e a da

Elbling, de cerca de 100 hectolitros por hectare.

Segundo a associação, a área de vinha produtiva na região do Mosel totalizou cerca de 8 136 hectares em 2026, com um rendimento médio de 75 hectolitros por hectare. Este valor não inclui novas plantações e vinhas jovens. No final de 2025, a área total de vinha plantada, incluindo as vinhas jovens, era de 8 283 hectares.

Henning Seibert, presidente da Moselwein e.V., afirmou que não se concretizaram os receios de que o calor e a seca recorde do verão prejudicassem a qualidade. Segundo Seibert, a colheita de 2026 deverá ser recordada pela sua elevada qualidade e os consumidores podem esperar vinhos encorpados e equilibrados.

Para o setor das bebidas, a menor produção tem consequências que vão além da vinha. O Mosel é uma das regiões de Riesling mais conhecidas do mundo, e uma colheita menor poderá reduzir a disponibilidade para alguns programas de vinhos tranquilos e espumantes, afetar o planeamento de stocks e influenciar as negociações de preços nos próximos meses, mesmo que a qualidade da colheita se mantenha elevada.